

EUCANAÃ FERRAZ

Sentimental

Poemas



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2012 by Eucanaã Ferraz

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Jane Pessoa

Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ferraz, Eucanaã

Sentimental : poemas / Eucanaã Ferraz. — 1ª ed. —
São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2167-0

1. Poesia brasileira I. Título.

12-10534

CDD-869.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.91

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

O coração,	9
Exceto o que trazemos em nós,	10
Vem,	11
<i>Times Old Roman</i> ,	14
Uma gaivota viesse,	15
Recebi as nossas homenagens,	16
Quem roubou o rubi do chapéu do mandarim?,	17
Papel tesoura e cola,	19
Sob a luz feroz do teu rosto,	20
Explicação de Miguel de José de João,	22
<i>Love me tender</i> (encomenda para Mrs. Cloutman),	23
Da vista e do visto,	24
Melancolia,	25
Graça e sempre,	26
<i>Chirapa</i> ,	27
<i>El laberinto de la soledad</i> ,	28
A beleza é uma ferida que nos atinge,	31
Comparações florísticas,	32
Bravo herói de nossa gente,	33
Sangue do meu sangue,	35
Sophia de Mello Breyner Andresen,	36
Vida e obra,	37
Dizer adeus amigo,	38
Oboé,	39
Qual era o nome,	40
O círculo negro,	43

E um curso d'água, 45
Victor talking machine, 46
Gaku Tada, 47
Enterrem os sinos, 48
Dance, 50
Leia abaixo um dos poemas, 52
Exorbitar amontoar, 53
Senhor Capitão, 54
Mixed media, 55
Sou eu, me deixa entrar, 56
Só faço verso bem-feito, 59
Últimas novidades, 62
Talvez hoje, 64
Pílades e Orestes, 65
Por enquanto, 66
Correspondência completa, 67
Les romanciers étrangers, 68
Romântica, 70
O rigor da simetria, 72
Naquele instante, 73
Tão bonita, 74
Paisagem de Olinda, 75
Acima de tudo o boi, 77
Boi de outro modo, 80
Vai se chamar alegria, 82
Turístico de Lisboa, 83
Muda-se o Carlos Mendes de Sousa, 85
À moda Lina, 86
Nuvens cobrem a cidade de São Paulo, 87
Imagens de urubu, 90
Tudo vai terminar bem, 91

O coração

Quase só músculo a carne dura.
É preciso morder com força.

Exceto o que trazemos em nós

Tentou adivinhar a aurora esmiuçando
o intestino mínimo das aves, buscou-a
no fundo das xícaras porque soube que
boiava na borra do café um sentido

qualquer; olhos fechados para a evidência,
quis entender aquilo que se recusava
a seu alcance; mas agora nada disso
interessa; já não crê em Deus

e desacreditou dos deuses; danem-se
o marxismo, a psicanálise e outros
serviços de atendimento ao consumidor.
Acredita em Madame Thalita.

Por que não acreditaria? Resta lembrar
onde pôs o número do telefone
de Madame Thalita, que garante trazer
a pessoa amada em apenas três dias;

quatro mil trezentos e vinte minutos,
é muito. Se Madame Thalita traz os dias
de volta? Nem ela nem ninguém; melhor
assim, o tempo e nenhum mistério.

Vem

Porque os dias quebravam contra sua cara, porque trocara as horas por nada, quis o espinho extremo; mas, sobre encontrá-lo, ninguém, nada respondia. Saberá reconhecê-lo em meio a tudo? Algum sinal? Um cisne gravado na testa? Talvez

bastasse, à distância, atentar nos modos de dobrar ou desfazer frases um lenço quem sabe, no levar água à boca, moeda à bolsa, banal, vislumbrasse um rastro, mesmo sem saber agora, não saberia nunca?, o que faria do acaso o certo, até que

se manifestasse numa forma inadiável e porque seria assim avistaria na matéria mínima a sua fábrica, o fogo que sobreviria contra a indiferença dos dias; mas as ruas são compridas, era preciso estar mais perto para perceber; e logo baralhava unhas vozes cabelos

à maneira de uma teia aos pedaços que o fazia adolescente como um pombo tonto; mesmo sem vestígios, farejava; o que as costelas dos viadutos escondiam? Ruas becos subiam-lhe à boca enchendo-o de inocência e desejo; envenenara-se com o anseio de que a cidade desaguasse

em alguém, não fosse tão só pedras de seus olhos
se ferirem; mais seguro era cegar as vontades; cerrados
os olhos calariam o teatro excessivo dos gestos; talvez
dormisse, mas a insônia vinha branca ácida alta.
Houve uma vez um comandante prussiano

recostado fundo na poltrona cavando com as esporas
de sua bota o mármore da lareira, lembrava,
era mais fácil deixar a solidão crescer no vento
vir ao quadril, lembrava do conto enquanto seus olhos
erravam, esperança em pelo, juízo em vão, fome

de um relance, um fio. Suave, se ainda soubesse, era
beber sem supor alguém após o drinque, gastar-se só,
sem presumir um abraço à saída do cinema, à saída
de sábado, mas ele sacrificaria qualquer ponderação
para persistir no engano de seguir à própria sorte

por mundos que semelhavam estacionamentos
abarrotados de frases moles *blogs* celulares
fazer amigos impressionar pessoas dicionários
como se fósforos para queimar o tempo o tédio,
saúde de quando não vagava devastado pela

espera, pela espora, dizia o conto, de uma lâmpada
após o labirinto, por aquela presença tão só pressentida
mas que talvez por adivinhada ardia ainda mais; tudo
(um exagero) escarnecia dele, sequioso de que regressasse
quem nem mesmo houvera, Ulisses ou o filho pródigo

caminhando sobre o mar etílico, turbulento. Canções de amor foram o seu veneno, todas à roda da mesma víscera, da mesma válvula sentimental, podia senti-la sem amores nem romances, sangue e bomba só, como no peito de um bicho que é apenas isso.

Então, exausto, sem nenhum grito, deitou-se sobre a pedra escura da rua ou da escarpa mais alta da lua mais miserável e suja e esteve ali, parado, manso, sem que nada pedisse ao tempo ou pretendesse. E era só uma noite entre as noites, quando despertou

agitado, deve ter sido assim, pela visão de uns lábios, vinham acesos, na direção dos seus.

Times Old Roman

Quer que o diga, não o digo,

o teu nome já não brilha
não o digo sob as cinzas

de janeiros muito antigos
mal respira nos escombros

desse breve apartamento
o teu nome quem diria

não é coisa que se diga
som de um som que

se partira não insista
já não tento já não posso

é simples o que te digo
e te digo sem remorso

calmamente sim repito
sem espanto não o digo

nenhuma pedra se move
rio seco letra morta.